

Os trampos de uma pesquisa social: aproximações com os dramas vividos por domésticas-diaristas

Leonardo Araújo Lima¹

Centro Universitário Católica de Quixadá (Quixadá, CE, Brasil)

Este ensaio discute os movimentos empíricos vividos por um pesquisador social na produção de sua tese de doutorado. A exposição prioriza apontamentos práticos nos processos de estudo, aproximações com a realidade e escrita do texto. O objetivo é refletir como as disposições para investigar e interpretar informações em uma pesquisa social exigem constantes alinhamentos entre as possibilidades de campo, aquilo que se observa na realidade social e os aportes teóricos que ajudam a iluminar essa compreensão. Para tanto, descrevem-se alguns conflitos e soluções engendradas em uma pesquisa com trabalhadoras domésticas-diaristas durante o período de pandemia de covid-19. A pesquisa, que fundamenta este ensaio, foi construída a partir da perspectiva da Psicologia Social do Trabalho e aliou inspirações etnográficas com entrevistas qualitativas para analisar as vivências dramáticas dentre os processos organizativos de trabalho e de sobrevivência dessas trabalhadoras. A partir das práticas descritas, conclui-se que o exercício de pesquisa social transforma a interpretação objetiva do pesquisador ao desafiá-lo, estabelecendo aproximações e realinhamentos dos estudos junto ao público de interesse.

Palavras-chave: Pesquisa social, Trabalhadoras domésticas, Psicologia social do trabalho.

The labors of social research: approaches to the dramas experienced by domestic workers

This essay discusses the empirical journeys by a social researcher in producing his PhD thesis. It prioritizes practical notes on the study processes, approaches to reality, and the writing of the text. It aims to reflect on how the ability to investigate and interpret information in social research requires constantly aligning the possibilities of the field, observations of social reality, and the theoretical contributions which help to illuminate this comprehension. Therefore, we describe some conflicts and solutions engendered in a survey of domestic workers during the covid-19 pandemic. The research that based this essay stems from the perspective of the social psychology of work and combined ethnographic inspirations with qualitative interviews to analyze the dramatic experiences in the organizational processes of work and survival of these female workers. This shows that the exercise of social research transforms researchers' objective interpretation by challenging them, establishing approaches and realigning studies with their target audience.

Keywords: Social research, Domestic workers, Social psychology of work.

¹ <https://orcid.org/0000-0002-0052-2234>

Apresentação

Descrevo, neste ensaio, acontecimentos determinantes para a construção de uma pesquisa social que delimitou seu objeto e suas fundamentações no próprio processo de aproximação com a realidade de interesse. Por priorizar as vias de efetivação prática da pesquisa, mais do que seus desdobramentos teóricos, assumo a premissa de autor e exponho o ponto de vista de um pesquisador que enfrentou desafios e mobilizou as soluções possíveis. Entendo que jogar luz sobre as situações práticas da pesquisa social estimulará pesquisadores a enfrentar as imprevisibilidades do campo como vias de produção empírica e de novas estratégias que viabilizem a aproximação com o objeto de estudo.

Como arquitetura desta exposição, inicialmente, resumo a estrutura da tese quanto a seu objetivo, fundamentação e resultados. Depois, aprofundando o que, tacitamente, identifico como os “tramos” de uma pesquisa social, busco estimular reflexões sobre como as aproximações com o público-alvo, as escolhas pelos eixos centrais de problematização, os registros de informação e a elaboração das análises exigem um esforço intenso por (re)edições e sínteses, atividades poucas vezes bem delimitadas entre si. Tais situações estão mais bem detalhadas na tese que antecede este artigo (Lima, 2022). Aqui, exponho os processos empírico-analíticos que favoreceram a concretização de uma pesquisa social que aconteceu em um contexto de intensas limitações, mas também com amplas aberturas para as questões da investigação.

A tese

É interessante que, de início, o leitor entenda as principais diretrizes e resultados da pesquisa produzida. Assim, é possível situar os acontecimentos narrados no tempo e no compromisso ético-político do pesquisador, bem como compreender o ponto de vista das pessoas pesquisadas. As disposições para o estudo de campo tiveram como tarefa central abranger as vivências de determinado grupo social – no início mais difuso e, depois, mais específico – assumindo a Psicologia Social do Trabalho (PST) como perspectiva de observações e análises. Na espiral de movimentos no espaço e no tempo, quer dizer, buscando aproximações com o campo-tema de interesse (Kroef *et al.*, 2020), por meio de visitas às instituições, de encontros com as pessoas, da produção de registros e com os estudos simultâneos à observação, a pesquisa assumiu como eixo central a investigação dos conflitos vivenciados pelas trabalhadoras domésticas-diaristas em seus processos organizativos de trabalho e na sua sobrevivência. No intercurso das aproximações, iluminando as interpretações através de teorias que permitissem análises mais precisas, entender os dramas humanos em meio aos conflitos enunciados por essas mulheres se estabeleceu como via de desenvolvimento para um estudo psicológico com base histórica, dialética, concreta e crítica.

Sinteticamente, os acontecimentos dramáticos foram identificados a partir de narrativas – discursivamente ambíguas e carregadas de intencionalidade – sobre situações de desvalorização no trabalho e na sociedade, mas também sobre experiências de autovalorização pessoal e de vínculos com pessoas que afirmam intenções semelhantes em seus ciclos sociais. As análises da pesquisa sintetizaram, assim, algumas compreensões sobre a organização de suas condutas no trabalho em meio a tensões de papéis sociais que enunciam, por um lado, determinações culturais mais amplas e, por outro lado, maneiras de agir singulares que as diferenciavam de tais padrões culturais. Para interpretar como tais processos organizativos se constituem nos conflitos dramáticos da vida concreta, revelando sentidos simbólicos e afetivos dessas mulheres nos diferentes trabalhos que realizam, o estudo se apoiou na complementaridade conceitual entre Psicologia Social do Trabalho (Sato *et al.*, 2008; Sato *et al.*, 2017), Psicologia Concreta (Poltzer, 1998) e Psicologia Histórico-Cultural (Vigotski, 1995, 2000).

Como resultados, a pesquisa interpretou três enredos dramáticos interdependentes e simultâneos no cotidiano de vida e trabalho das domésticas-diaristas, a partir dos quais propôs-se compreender a organização da conduta das trabalhadoras estudadas em suas lutas pela sobrevivência. São eles: os dramas do servir, os dramas do reagir e os dramas do devir. A diferenciação desses enredos dramáticos deu-se pelas intencionalidades significadas nas suas ações de trabalho e de sobrevivência ao, respectivamente, submeterem-se às vontades dos contratantes; reagirem a tais submissões pela valorização de si ou pela criação de outras ocasiões geradoras de renda; e participarem de coletivos horizontalizados que favorecem a sobrevivência e influenciam suas escolhas no trabalho.

Disposições para o trabalho de campo

O artigo começou pela síntese final de um processo longo e contraditório, resultado de uma pós-graduação. Mas, na realidade dos fatos, uma pesquisa social não nasce (e nem morre), ela produz a si mesma em um cruzamento de encontros, escolhas, tentativas e lamentosos desapegos. Voltemos agora no tempo.

Desde a entrada no doutorado, meu interesse de pesquisa esteve próximo às questões psicossociais relacionadas às pessoas que resolvem a sobrevivência em atividades à margem dos trabalhos considerados formais. Como qualquer estudante de pós-graduação, meus estudos se iniciaram alinhando o projeto de pesquisa aprovado com as ofertas de disciplina em cada semestre letivo. As leituras e a realidade prática demonstravam que a relação entre o trabalho e a sobrevivência na economia informal é uma temática ampla e profícua para a observação da vida humana em seus processos de perseverança e de inventividade.

É enganoso pensar, porém, que a maior quantidade de teorias estudadas favorece o desenvolvimento do trabalho de pesquisa. É certo que o interesse pela realidade aumenta quando acessamos a pluralidade de conceitos que se comunicam com o objeto de interesse, mas, ao mesmo tempo, tal riqueza científica pode confundir a percepção de pesquisadores que tentarem racionalizar a realidade social a partir das premissas teóricas e não pelos modos como a própria realidade se apresenta. Estudar teorias é uma “deliciosa” descoberta, mas para o estudo avançar é necessária a aproximação com as faces concretas do objeto de interesse, que permanece pouco definido enquanto o pesquisador se dedica unicamente aos conceitos teóricos. E assim, desafiado pelas observações de minha orientadora, que sempre lembrava: “a realidade social é muito mais rica do que qualquer teoria”, iniciei aproximações concretas que me permitissem estudar os processos de trabalho em condições de informalidade, tomando como princípio a própria realidade prática.

Do ponto de vista empírico, encaixavam-se, como público-alvo de interesse para a pesquisa, a amplitude de pessoas que convivem com desigualdades socioeconômicas em suas condições de trabalho e que, por isso, precisam se submeter a trabalhos desvalorizados. Ambulantes, camelôs, motoristas, entregadores de aplicativo, pedreiros, merendeiras e artesãs são alguns exemplos de trabalhadores com os quais iniciei diálogo com a finalidade de pesquisa por atuarem às margens das proteções e regulamentações trabalhistas. Porém, a tentativa de abranger a multiplicidade de atividades acarretaria a superficialidade de observações sobre aspectos psicológicos ligados à organização da conduta. Além disso, as atividades cotidianas das pessoas que se inserem nessas ocupações são distintas, sendo a informalidade uma das únicas características que as unem, o que dificulta as tentativas de análise comparativa entre as situações de trabalho concretas. Era necessário concentrar esforços em uma categoria profissional ou em um território a partir dos quais se delimitassem as observações sobre o problema de interesse.

Nesse período, se fizeram úteis as leituras sobre métodos de pesquisa em ciências sociais de Becker (1999). Seguindo o desafio do autor em relação à possibilidade de inventar métodos capazes

de resolver os imprevistos da pesquisa social, as aproximações começaram por deslocamentos, na cidade e nas redes sociais, a fim de encontrar instituições que mediassem o acesso ao público. Em cada aproximação (presencial e remota), as conversas com as pessoas de cada instituição estimulavam ou retesavam as investidas. Nessa variância de possíveis públicos, a angústia de não ter definido a fonte de informações era contraditória à satisfação de perceber nas leituras e na realidade social a relevância do tema que queria estudar.

Entre as tentativas, primeiramente verifiquei a possibilidade do critério territorial. Quer dizer, escolher um bairro ou uma região para fazer visitas recorrentes. Nesse intuito, o Bairro Conjunto Palmeira, em Fortaleza, destacava-se, por lá funcionar a conhecida experiência de economia solidária do Banco Palmas. De início, as aproximações se mostraram promissoras, mas depois verifiquei impedimentos como: a economia informal do bairro estava emaranhada com situações complexas que envolviam a violência urbana; a escolha dessa instituição exigia o redirecionamento do foco de estudo para o tema da economia solidária; já existiam interessantes estudos publicados sobre as experiências comunitárias naquele bairro nas áreas da Sociologia, Economia, Antropologia, Direito e Psicologia e eu pouco poderia acrescentar em relação aos já publicados. De fato, havia necessidade de (e tempo para) uma nova escolha para as observações de campo.

Decidi, então, investir na escolha por público-alvo em uma ocupação específica. A escolha por ocupações típicas é, por sinal, uma tendência muito utilizada nos estudos qualitativos que envolvem a informalidade. Dessa forma, ainda no início de 2019, inspirado nas leituras de Certeau (2014) sobre a invenção do cotidiano, as cooperativas de artesanato pareciam ser uma rica oportunidade de estudar as táticas do saber-fazer entre os artesãos cooperados. Essa possibilidade surgiu pelo contato com a Central de Artesanato do Ceará (CeArt), que, no entanto, foi frustrada pela recusa do gerente, devido a seguidas experiências malsucedidas com outras equipes universitárias. Para manter o público dos trabalhadores informais, eu deveria buscar contato direto com os artesãos ou mudar novamente o foco empírico.

O período dessa visita institucional coincidiu com o avanço da pandemia ocasionada pelo vírus covid-19. Entre muitas pautas na cena política e sanitária, chamavam a atenção os debates sobre a essencialidade dos serviços desenvolvidos pelas trabalhadoras domésticas – o que exigia o reconhecimento da importância e dos riscos de contaminação vividos por essas trabalhadoras. Foi assim que, paralelo à leitura de pensadoras negras como Conceição Evaristo (2014) e Lélia Gonzalez e Hasenbalg (1982), uma nova chance de realizar a pesquisa se abriu. As trabalhadoras domésticas centralizam uma série de condições e saberes de trabalho que seriam interessantes para a execução da pesquisa. Mas onde encontrar tais trabalhadoras de uma forma mais ampliada? Conversar com lideranças sindicais da categoria poderia ajudar na busca. Porém, ao visitar o endereço do sindicato das trabalhadoras domésticas de Fortaleza, dei de encontro com a porta fechada, e um anúncio sobre a suspensão de seus trabalhos e um cartão colado no canto inferior. O cartão indicava os contatos do Centro do Trabalhador Autônomo (CTA), sem outras informações. Foi assim que me dirigi até o centro da cidade a fim de visitar o CTA. Os fatos e diálogos estabelecidos na instituição atualizaram novamente planos da pesquisa empírica.

Seja pelas características do mercado de trabalho de Fortaleza ou pelo histórico da instituição, as frequentes visitas ao CTA aguçaram meu olhar para a realidade de mulheres que atuam com serviços domésticos remunerados, e como é importante analisar as matrizes históricas desse trabalho no Brasil. O CTA funcionava² basicamente como uma unidade do SINE³, mas realizando intermediação de trabalhos autônomos, contratados por diária e sem necessidade de regulamentação

2 As ações do projeto foram extintas no início de 2023.

3 Uma das ações do Sistema Nacional do Emprego (SINE) é financiar postos de atendimento presencial para trabalhadores que buscam encaminhamento para vagas de trabalho abertas e cadastradas no sistema.

documentada. Nos diálogos com as mulheres que frequentavam o CTA, paulatinamente absorvi as dificuldades e inventividades das lutas por sobrevivência das domésticas-diaristas⁴. Elas, já vivendo a interseccionalidade de subordinações (Barbosa et al, 2021) por serem mulheres, pobres e, em sua maioria, negras, viviam e narravam situações de dominação e insegurança em seus trabalhos. A riqueza dessas informações como expressões sociais e psicológicas de pessoas que lutam pela sobrevivência trouxeram a certeza para a definição do público de interesse.

De movimentos incertos em campo até a escolha de informantes centrais, a pesquisa foi se consolidando por meio de relações concretas, não descartando a priori nenhuma percepção, organizando registros e ajustando meios para alcançar novas informações relevantes. Nesse exercício, faz sentido considerar como Florence Weber (2009) constrói uma etnografia das percepções em seu estudo sobre o trabalho paralelo.

A pesquisa de campo repousa sobre os princípios (observar, escutar, estar com) que precisam ser ajustados cotidianamente, tentando-se, por um lado, efetuar uma autoanálise tão profunda quanto possível, e, por outro lado, ter consciência das alianças negociadas com alguns indivíduos cujas características singulares constituem condição de possibilidade das relações privilegiadas mantidas com eles (Weber, 2009, p. 66).

No intuito de me aproximar do CTA e, principalmente, das pessoas por ele atendidas, as alianças e negociações comentadas pela autora na citação acima se estabeleceram pelo interesse em compreender o que era regular ou excepcional, similar ou diferente, opiniões particulares ou partilhadas entre os acontecimentos enunciados. Porém, mesmo sendo o CTA a instituição a partir da qual foi possível encontrar as primeiras domésticas-diaristas com quem conversei, a sua intermediação constituiu uma das etapas para o exercício empírico da pesquisa, pois seus desdobramentos demandaram outros espaços de investigação e diálogo.

Com o tempo, a continuidade das aproximações se expandiu em oportunidades de diálogo para além das domésticas-diaristas atendidas pelo CTA: desde contatos presenciais ou pelo celular até visitas domiciliares, conversas no ponto de ônibus, na fila do pão, esperando o elevador, em casa ou lavando louça na casa de amigos. Nesse percurso, o uso de diferentes instrumentos para o contato esteve sempre acompanhado de registros em diário de campo sobre os acontecimentos e problemas enunciados pelas interlocutoras.

Mesmo que a trajetória empírica tenha sido estabelecida no percurso de seu próprio caminhar, a pesquisa não poderia prever que a adaptação dos procedimentos tivesse que lidar com as limitações e as alternativas de realização no interior de uma pandemia. As aproximações de campo aconteceram de agosto de 2019 até fevereiro de 2022, período dentro do qual sobrevivemos e enxergamos saídas para os efeitos perigosos da covid-19. Por outro lado, eu já tinha optado por investigar os dramas humanos no trabalho, e o cenário da pandemia terminava por apresentar questões interessantes para tal observação.

É certo, no entanto, que a pesquisa foi facilitada pelas características do público-alvo, pois conversar com essas trabalhadoras, em geral, é muito fácil, simples e quase sempre animado. Interpretar seus processos sociais de trabalho exigiu enfrentar a concretude dos fatos com olhar ampliado e desarmado de expectativas. Tudo o que foi obtido como informação de campo foi possível graças aos vínculos de confiança mútua, mais ou menos duradouros, cujo interesse (de ambas as partes) principal era conversar sobre as situações do dia a dia de trabalho em busca de sobrevivência digna.

4 Defino as domésticas-diaristas como as trabalhadoras que atuam com diversos serviços domésticos e que são remuneradas por diária de trabalho, mesmo que trabalhem mais de um dia da semana na mesma casa.

Registros e organização das informações

Como uma aventura que se desenrola em torno de desafios e um desfecho imprevisível, construir os pressupostos, as aproximações, as argumentações e a defesa de uma tese exigiu de minha parte um exercício constante de objetivação das informações alcançadas. Nesse processo, precisei fazer uso de variadas técnicas, como: diário de campo, fichamentos, mapas mentais e gravação de áudio daquilo que eu absorvia e refletia a partir das visitas institucionais, reuniões, grupos temáticos, entrevistas individuais, visitas domiciliares, vídeos, aulas e, durante o distanciamento social da pandemia, ligações telefônicas, mensagens via aplicativo e eventos online. Essa produção de registros a partir das aproximações não obedeceu a uma sequência definida, e algumas aconteceram simultaneamente ao longo da pesquisa.

No decorrer dos encontros e ensaios, a dúvida é uma aliada inconveniente e, mesmo amparados por leituras, orientações e diálogos com colegas de pesquisa⁵, é comum que pesquisadores fiquem confusos com o que observar e o que fazer com o que é registrado. Essa organização depende do que se considera como objetividade científica, e isso é um “gargalo” que filtra as informações alcançadas para as transformar em sínteses de análise. Na tese em questão, entre as experiências de campo e a necessidade de produção textual, a saída escolhida foi apoiar-me numa perspectiva não-neutra de ciência, cujas análises fossem contextualizadas e justificadas as suas razões dedutivas, buscando “tornar as bases desse julgamento tão explícitas quanto possível, de modo que os outros possam chegar a suas próprias conclusões” (Becker, 1999, p. 20).

Mesmo antes de conseguir estruturar um aporte teórico suficientemente coeso e operativo para desenvolver as análises da pesquisa, fui orientado a manter vívida a disciplina dos registros. Foi um exercício importante para ensaiar interpretações pessoais do que observava, objetivando em rascunhos associativos os limites e as possibilidades da pesquisa. A partir desses registros e reflexões, eu pude retornar, sempre que necessário, às palavras que cada trabalhadora confiou a mim, decifrando semelhanças e particularidades entre suas descrições. Tais operações da pesquisa qualitativa se concretizaram no uso de diários de campo como instrumentos. Na prática, foram cadernos escritos e, depois, digitados em arquivos de texto. Os diários de campo foram continuamente alimentados e, a cada três ou quatro meses, enviados para minha orientadora, que acompanhava o desenvolvimento das aproximações e propunha caminhos e leituras.

Quando em contato com as trabalhadoras, meus questionamentos eram estimulados pelas narrativas no decorrer de cada diálogo, de maneira a explorar os detalhes de suas experiências e as intenções de suas ações. No decorrer das aproximações, também elaborei e aprimorei alguns esquemas gráficos que organizavam as falas em algumas categorias de análise sobre o trabalho doméstico trazidas de estudos anteriores, por exemplo: preconceitos, fadiga, injustiças, submissão, adoecimento, entre outras. Tais instrumentos não tinham a função de estruturar roteiros para as perguntas, visto que o que me interessava eram as particularidades do cotidiano de trabalho de cada pessoa. Os instrumentos funcionavam como aportes para as perguntas, e os registros tinham a função de: evitar o esquecimento ao trazer questões semelhantes para diferentes trabalhadoras; organizar os diálogos de maneira a facilitar minha interpretação; pontuar os momentos da gravação. Escutei repetidas vezes e transcrevi as gravações das falas das trabalhadoras. A partir das transcrições, elaborei sínteses das trajetórias dramáticas de vida de cada profissional entrevistada, e, posteriormente, as incluí no texto da tese.

Como informado, com o advento da pandemia, também pela facilidade e a rapidez na comunicação, as aproximações de pesquisa se viabilizaram pelo contato contínuo via telefone.

5 Para a concretização do estudo em questão, considero importante a participação nas reuniões do Laboratório de Estudos e Pesquisas Sobre o Trabalho, Movimentos Sociais e Políticas Sociais (TraMPoS). Nessas reuniões, cada integrante do grupo tem a oportunidade de apresentar o desenvolvimento de suas pesquisas, e as outras pessoas podem comentar e contribuir com propostas de leituras, métodos e análises.

Em princípio, fiz ligações e, depois, mantive diálogos via aplicativo WhatsApp. Das ligações, absorvi narrativas e as registrei em bloco de notas. Do aplicativo, extraí a vantagem que o histórico de conversas já fica salvo nas caixas de diálogo, de modo que pude transmiti-las facilmente para um arquivo de texto no computador⁶. O uso do instrumento de mídia tinha a desvantagem da não presencialidade e, por isso, o distanciamento da minha percepção em relação aos fatos mencionados pelas interlocutoras. Mas existiram também vantagens: a possibilidade de refletir com calma sobre cada pergunta e a melhor maneira de expressá-la; a continuidade dos diálogos sem a necessidade de interrompê-los devido ao tempo de entrevista; a possibilidade de escolha do melhor momento do dia para dar continuidade ao diálogo; a abertura das trabalhadoras para também trazerem perguntas e acontecimentos diversos do dia a dia; a troca de imagens e vídeos; a dinamicidade dos áudios gravados com marcações de ênfase, indignação e irreverência; a continuidade dos vínculos estabelecidos com as trabalhadoras.

Após 18 meses de aproximações, senti a necessidade de iniciar algum ensaio objetivo de análises, mas ainda vivia a dificuldade de definir as categorias de análise centrais para interpretar as experiências das trabalhadoras com quem conversei. Todas as categorias de análise que eu estudava a partir de pesquisas já publicadas sobre as trabalhadoras domésticas estavam presentes nos relatos dessas mulheres. Por exemplo, situações que remetiam às noções de experiências de desvalorização (Mello, 1988), sofrimento ético-político (Sawaia, 2006), fatalismo (Martín-Baró, 2017) e Viração (Rizek, 2006), que nunca se apresentavam de forma absoluta e independente umas das outras. Nas narrativas das experiências pessoais continham, por exemplo, denúncias de sofrimento devido a violências manifestadas por alguns clientes e, logo em seguida, um relato da escolha por permanecer no trabalho de diarista por existirem clientes que as respeitam e com quem se sentem reconhecidas. Nesse exemplo, percebe-se que há relação entre as categorias de saúde mental e a precariedade no trabalho, mas nenhuma das duas categorias é percebida de maneira isolada – ou com fácil distinção – e, no próprio discurso das trabalhadoras, se observam argumentos que contradizem a afirmativa de que todos os serviços domésticos estão fundados em vivências de sofrimento e de violência. Assumindo os riscos do erro, em um movimento entre os ensinamentos advindos do campo, das orientações e os conhecimentos formalizados, fui, aos poucos, produzindo um texto minimamente original sobre o problema que escolhi estudar.

As reedições do problema de pesquisa

Pelas trajetórias de pesquisa já relatadas, pude alcançar informações que me desafiaram a produzir interpretação sistemática, objetiva e alinhada aos pressupostos da PST. Os desafios estavam, principalmente, na pluralidade temática de conflitos vividos e enunciados pelas trabalhadoras com quem dialoguei (história de vida, inserção profissional, condições sociais, família, relações de trabalho, saúde e preconceitos, por exemplo). A multiplicidade e a interseção das experiências narradas confundiam tentativas de enquadrá-las em categorias conceituais evidentes. Nenhuma das possíveis categorias que eu estava experimentando – por exemplo: precariedade, dominação, saúde, sociabilidade e resistências – eram suficientes para entender a complexidade psicossocial dos conflitos enfrentados por cada doméstica-diarista em busca de sobrevivência.

Nos ensaios de escrita, percebi que não havia padrões evidentes para diferenciar em categorias bem definidas a pluralidade de experiências reveladas pelas trabalhadoras. Interpretar a complexidade particular do vivido sempre foi uma questão intrigante para minha compreensão. Quer dizer,

⁶ Importante reiterar que todas as trabalhadoras aqui mencionadas assinaram TCLE autorizando o uso de seus nomes e das informações por elas trazidas para a realização das análises neste estudo. Sendo assim, aquelas com quem mantive diálogo via aplicativo já tinham assinado o TCLE anteriormente, atestando interesse e autorização na participação da pesquisa.

ao longo das aproximações, me animava entender o desenrolar cotidiano das experiências no trabalho e como essas experiências influenciam as ações em busca de sobrevivência. Persegui, portanto, a possibilidade de um estudo em PST que não se limitasse à categorização fixa da vida no trabalho das domésticas-diaristas, mas que, localizando-se nos conflitos pessoais, buscasse entender a dinâmica psicossocial de mulheres que lutam por melhores condições de vida em meio a determinações sociais opressivas.

Desde o início, assumi a proposta de engajar tais observações seguindo inspiração etnográfica ao compreender os processos organizativos de trabalho considerando o espaço, a convivência, as gramáticas sociais e as regras tácitas presentes no cotidiano das trabalhadoras (Sato et al, 2007). Estabelecendo, como princípio fundamental das aproximações, a atenção aos pontos de vista das trabalhadoras, pude, aos poucos, acessar as práticas, os discursos e as contradições implícitas aos serviços do CTA. Nesse exercício sistemático de contrapor meus pressupostos de pesquisa às classificações nativas⁷ das domésticas-diaristas com quem dialoguei, surgiam novas questões, ao mesmo tempo que outras noções menos presentes nas observações empíricas eram abandonadas. A aproximação com as pessoas e a identificação de novas problemáticas me demandaram técnicas para compreender a relação dialética entre as objetividades e as subjetividades das trabalhadoras diaristas.

Se, de início, eu pretendia compreender aspectos psicossociais relacionados ao trabalho informal, priorizando noções sobre o cotidiano e a saúde das trabalhadoras, ao longo de minhas aproximações precisei abandonar esse direcionamento por dois motivos. Primeiro, porque o conceito de trabalho informal se apresentou inadequado para identificar as realidades de trabalho dessas mulheres, já que tais práticas possuem normas, rotinas, critérios e negociações (formas, portanto) regulares e comuns a todas aquelas trabalhadoras.

As questões específicas de saúde também não eram suficientes para descrever o conjunto de conflitos das domésticas-diaristas, em seus cotidianos de trabalho. Problemáticas relacionadas à saúde eram narradas nos diálogos, mas pareciam representar apenas uma dimensão periférica dos conflitos vivenciados pelas trabalhadoras em seus objetivos de sobrevivência. Para elas, os constrangimentos nas práticas de trabalho e as reclamações sobre a gestão do CTA não eram tão preocupantes quanto a ausência de serviços que lhes garantissem sustento. Em suas narrativas, os desgastes da saúde e os sofrimentos repercutidos pelos embates diários circundam a preocupação aguda com sua sobrevivência: o que fazer para conseguir trabalho. Muitas delas, inclusive, assumem ocupações complementares que trazem parcela importante da renda mensal necessária para o sustento familiar.

Essa segunda observação me fez abandonar também a concepção de que se tratava de profissionais especializadas, já que, por um lado, realizam diferentes trabalhos para garantir a sobrevivência e, por outro lado, nem mesmo dentro dos serviços domésticos conseguiam especialização – visto que nesses serviços lhes eram demandadas atividades diversas ligadas a limpeza, trato com roupas, cuidado de crianças e idosos e até a gestão do lar. Essa compreensão trouxe desafios no sentido de identificar objetivamente qual trabalho eu deveria de fato considerar para me referir ao objeto de estudo, pois elas não exercem apenas serviços domésticos de diaristas. Mesmo assim, como as atividades remuneradas centrais em seus cotidianos de sobrevivência eram as diárias com serviços domésticos, com ajuda da orientadora, defini como público-alvo da pesquisa as domésticas-diaristas.

⁷ De acordo com a pesquisadora Florence Weber (2009), atentar para as classificações nativas num estudo etnográfico significa priorizar as formas pelas quais as próprias pessoas organizam e categorizam suas experiências, práticas e relações sociais dentro de seu contexto cultural e social. Sendo assim, tais classificações são “nativas” porque são autênticas e próprias dos membros da comunidade ou grupo em questão. Elas refletem a visão de mundo, os valores, as prioridades e as distinções que os próprios indivíduos fazem em seus cotidianos.

Considero ainda inesperado o fato de que as domésticas-diaristas, mesmo com muitos relatos de violências vivenciadas nas situações de trabalho encaminhados pelo CTA, também mencionaram reiteradas maneiras de agir que lhes conferiam alguma autonomia frente aos abusos dos patrões. Ao iniciar minhas incursões, baseado numa série de fontes, assumi a hipótese de que as condições precárias nas quais se desenvolve o trabalho doméstico lhes relegam uma postura estritamente de acomodação às exigências dos patrões. No entanto, ao longo dos diálogos, chamaram minha atenção as revelações de que o serviço doméstico não necessariamente implica domesticação dessas mulheres. Foram muitos os relatos de táticas que elas utilizam para prevenir desentendimentos, como a recusa de serviços, os usos do tempo, a valorização do trabalho pessoal, iniciativas de proteção umas das outras e de exigência do pagamento negociado. De fato, eu não previa encontrar esquemas de ação combativos que implicam rebeldia e reações das domésticas-diaristas em relação às injustiças nas situações de trabalho, configurando um jogo conflitivo de poder em que elas organizam defesas contra atitudes autoritárias dos contratantes. Essa mudança em meu ponto de vista foi reforçada pelo diálogo com outras pesquisas nas áreas de Sociologia, Antropologia, História, Educação e Psicologia que focalizam o mesmo público-alvo⁸.

Do encontro entre as premissas que eu trazia para a pesquisa e o conteúdo dos diálogos estabelecidos com as trabalhadoras, pude experimentar interpretações sobre os núcleos de significação⁹ dos dramas psicológicos enunciados pelas domésticas-diaristas. Passei, então, a me dedicar à compreensão dos conflitos vivenciados por elas em suas múltiplas inserções geradoras de renda, considerando que, nessas experiências, elas elaboram saberes práticos, sociabilidades, sentidos de vida e crenças que favorecem uma postura ativa nos dramas cotidianos do trabalho em busca de sobrevivência. Essa escolha foi apoiada pela conjunção de ferramentas teóricas que fui aprimorando a partir de estudos e da comunicação com outros pesquisadores.

As ferramentas teóricas que auxiliam as análises

Produzir os embasamentos teóricos e contextuais demandou extensa pesquisa e representou uma etapa crucial para a escrita da tese. No entanto, elaborar as interpretações dos dados obtidos foi uma tarefa muito mais desafiadora do que enxergar, nos acontecimentos, os conceitos de teorias já existentes. Essa atenção exigiu capacidade considerável de memorização e organização das informações em categorias coerentes dentro do que estabelecemos como base empírica. Sem dúvida, nas experimentações de análise foi comum acontecerem erros em torno de contradições de lógica e de afirmações não fundamentadas, o que foi, frequentemente, destacado pela minha orientadora,

8 Sendo a realidade das trabalhadoras domésticas um tema de profícua produção acadêmica no Brasil, a contextualização e os embasamentos de minhas observações exigiram extensa busca por estudos nas ciências sociais e humanas. Dentre essas pesquisas destaco aquelas no campo da História: Graham (1992), Barbara (2007), Lima (2010) e Silva (2016). Já no campo da Antropologia: Federici (2018) e Brites-Picanço (2014). No campo da Sociologia, os estudos de Nunes (1993), Bernardino-Costa (2007) e Ávila (2009) levantaram importantes questões para a pesquisa. No campo da Educação, destaco a pesquisa de Ribeiro (2014). No campo da Psicologia, juntamente com as pesquisas de PST que envolvem trabalhadores informais, destaco as contribuições de Mello (1988) e Coutinho et al. (2018).

9 Nas recomendações dos autores, os procedimentos para a apreensão de sentidos através dos núcleos de significação se iniciam na busca por informações qualitativas através de instrumentos diversos (entrevistas, gravações, desenhos, frases incompletas etc.). Do material acumulado inicia-se, então, a familiarização com as informações através da leitura flutuante na identificação de pré-indicadores – palavras com significados em seus devidos contextos de narrativa – que sirvam para a aproximação do pesquisador com a diversidade, frequência, ênfase e contradições dos temas emergentes. O passo seguinte é o processo de aglutinação desses temas segundo similaridade e complementaridade e contraposição dos pré-indicadores, a partir do qual se torna possível diferenciar e associar indicadores mais estáveis, com conteúdo mais bem delineado. A organização e a nomeação dos núcleos de significação acontecem, por fim, pelo processo de articulação interna do conteúdo temático de cada indicador “de modo a revelarem e objetivarem a essência dos conteúdos expressos pelo sujeito” (Aguilar & Ozella, 2006, p. 231). A proposta dos autores é que neste último procedimento seja possível verificar as transformações e as contradições que ocorrem no processo de mútua constituição significado-sentido, “o que possibilitará uma análise consistente que nos permita ir além do aparente e considerar tanto as condições subjetivas quanto as contextuais e históricas”.

que solicitava cuidadosas revisões. Acredito que não existe abordagem única que sirva para todas as práticas de análise. No entanto, gostaria de compartilhar três reflexões que me auxiliaram na elaboração das interpretações na tese.

Primeira reflexão. Assim como um profissional de laboratório necessita de ferramentas para analisar as realidades microscópicas, os cientistas sociais precisam de definições como ferramentas analíticas a partir das quais operacionalizar um raciocínio que avance, amplie e integre interpretações mais complexas das relações entre o que se observa na realidade concreta dos fatos e as noções conceituais absorvidas nas leituras de referência. Durante a fase de coleta de dados, as teorias não são essenciais e os pesquisadores sociais podem se aproximar da realidade de forma aberta. No entanto, durante a etapa de análise, é fundamental que o pesquisador defina de maneira objetiva – e quanto mais simples melhor – o que será investigado e como ele entende as contribuições teóricas que utiliza. Essa definição atua como um guia de observação a partir do qual o pesquisador interpreta os eventos observados.

As definições funcionam, então, como instrumentos para uma análise criteriosa, atuando como uma espécie de “foco” que auxilia o pesquisador a observar a realidade de forma mais evidente, sem a qual os acontecimentos descobertos ficam distorcidos. Ao utilizar essa “lente”, tais acontecimentos tomam forma definida em relação ao que é realmente relevante na pesquisa e o que não é essencial de acordo com os objetivos e questionamentos estabelecidos. Por meio dessas definições, pude realizar uma operacionalização argumentativa mais cuidadosa, relacionando os acontecimentos observados com as teorias, identificando categorias de análise que conectam e distinguem os eventos, o que é frequente e o que é mais raro, o que surge do ambiente social e o que é único, o que deriva das experiências pessoais e o que resulta das interações cotidianas, o que é ideológico e o que representa uma postura crítica, o que é uma crença e o que é experimentado na prática.

Segunda consideração. As ciências sociais abordam diversas questões desafiadoras e amplas. Essas bases são essenciais para a produção de trabalhos científicos. No entanto, além do conhecimento científico, a análise das informações também pode ser embasada em outras fontes do saber, como as artes, a filosofia e os conhecimentos tradicionais. Muitas vezes, os problemas estudados por pesquisadores sociais já foram explorados por outras formas de conhecimento, que, mesmo não sendo científicas, conseguem captar aspectos da realidade que nossas ferramentas têm dificuldade de identificar. Acredito que a sensibilidade dessas outras fontes de conhecimento auxilia na conexão das informações coletadas, destacando suas semelhanças e diferenças com outras perspectivas. Por exemplo, em minha pesquisa, ao adotar dramas reais como ponto de partida, encontrei inspiração na literatura brasileira (tanto clássica quanto contemporânea) que retrata as batalhas enfrentadas por mulheres negras em sua luta pela vida. Busquei referências nas obras realistas de Machado de Assis e sua habilidade em descrever conflitos das personagens. Creio que por trás de nossas investigações científicas há uma realidade social que já foi analisada por diversos pensadores, os quais podem contribuir para nossa compreensão interpretativa da experiência humana.

Terceira reflexão. Escrever requer coragem. Se nos limitarmos a seguir o que é considerado certo, bonito e justo, ficamos aprisionados pelo medo de cometer erros e não conseguiremos sair do campo das ideias. É essencial considerar as teorias; no entanto, para os iniciantes na carreira de pesquisador autônomo, isso pode se tornar um fardo muito pesado. Acredito que as bases teóricas e as críticas devem ser usadas como ferramentas de análise, mas a elaboração da análise deve ser original do pesquisador, que atua de forma relativamente independente em relação a todo esse conhecimento acumulado. É necessário ter coragem para progredir, e essa prática melhora à medida que o texto avança. Se as análises estão corretas ou não, se estão de acordo ou não com as bases estabelecidas, isso será percebido pelos orientadores, que certamente nos guiarão. No entanto, os orientadores precisam do material escrito para comentar, e esse material é sempre resultado de nossas tentativas, erros e acertos.

Menciono ainda que as leituras que priorizam a compreensão histórica e sociológica do trabalho doméstico no Brasil me ajudaram a contextualizar as condições concretas das trabalhadoras com quem dialoguei. Os relatos trazidos por elas, apesar de se referirem, não se resumiam a situações de desigualdade, de violência e de desvalorização, expressões da injustiça social que elas vivenciavam na carne. As experiências narradas demonstravam sentidos para o trabalho que tanto indicavam a determinação social dos conflitos, como também a produção de saberes de proteção e de perseverança na luta pela sobrevivência. Eu precisava me concentrar nas dinâmicas dos acontecimentos no trabalho de cada história pessoal, entendendo as experiências e as intenções delas como o desenvolvimento concreto de uma consciência pessoal, complexa e inacabada. Daí a necessidade de atentar para o fluxo das palavras e sentidos enunciados pelas domésticas-diaristas durante nossos diálogos. Fez-se necessário dar muita atenção aos elementos de seus relatos (contexto, pessoas, lugares e ocasiões) e investir tempo na síntese interpretativa dos acontecimentos dramáticos. Não é objetivo deste artigo se aprofundar sobre como utilizei as ferramentas teóricas. Para o momento, considero mais interessante abordar os desfechos pragmáticos da pesquisa.

Os atos finais

O produto de uma pesquisa acadêmica é composto de uma série de pequenas conquistas. Tais conquistas podem constituir pequenas alegrias que nos animam para os problemas subsequentes. Considero isso importante porque é comum que estudantes de pós-graduação cheguem nos meses finais do prazo para depósito do texto bastante tensos e preocupados com o resultado da pesquisa, ou com a bolsa de estudos. Porém, cada passo pode ser entendido como um novo contentamento de prosseguir para a etapa seguinte. Tanto quanto o alívio de saber que “as coisas estão caminhando”, a autopercepção de alguém que cresce nessa trajetória se materializa no texto em construção, fonte de angústias, mas também de enriquecimento subjetivo e da consciência sobre a capacidade de resolver problemas mais complexos.

Finalizar as análises e começar a escrever as considerações finais foram, para mim, alegrias tão grandes quanto ser aprovado no programa de pós-graduação. Mesmo sabendo que ainda teria alguns procedimentos necessários de revisão, depósito e defesa da tese, esse foi o momento em que senti que os esforços da pesquisa finalmente estavam começando a terminar. A decisão por concluir as análises também não acontece sem conflitos. Isso porque sempre achamos que podemos avançar mais, que podemos interpretar mais fatos a partir das leituras que realizamos. A decisão de concluir as análises pode decorrer, então, do prazo para o depósito, do esgotamento mental para a escrita, da orientação ou da necessidade de tornar o texto coerente entre fundamentações, métodos e análises. Por mais que tenhamos, no início, a vontade de fazer um estudo “incrível”, no final, a grande dificuldade é fazer do texto simplesmente algo “crível”.

É certo que escrever as considerações finais exige um poder de síntese e interpretação bem complexo e, por ser geralmente um texto menor, é comum (e eu passei por isso) a necessidade de reescrever algumas vezes essa parte do texto até que fique bem concatenada com o que foi exposto nos capítulos anteriores. Nessas tentativas, considerei útil pensar que quando alguém quer absorver as linhas gerais da nossa tese ou dissertação, provavelmente começará pela leitura do resumo e das considerações finais do texto. Por isso, é crucial que esses segmentos do texto, mesmo que escritos apenas no final do processo, estejam sintéticos e sejam esclarecedores daquilo que compõe a pesquisa.

Após o orientador aprovar a tese, três desafios ainda se mostram urgentes: a) a revisão gramatical e normalização: essa etapa exige que busquemos pessoas de confiança, provavelmente remuneradas, que possam ler todo o texto e indicar os pontos a corrigir, um esforço enorme para o autor, que já se encontra bastante cansado de ler e reler o mesmo texto; porém, a falta de uma

boa revisão pode “tirar o brilho” do nosso texto por causa de problemas que seriam facilmente resolvíveis – particularmente, eu sofri as consequências de uma revisão mal sucedida; b) depósito do texto e agendamento da defesa: essa etapa é relativamente simples, mas exige que leiamos com muito cuidado os procedimentos quanto às datas e informações a serem encaminhadas; c) definição de banca e defesa: para a escolha da banca examinadora é fundamental uma conversa muito franca e realista com o orientador. Montar estrategicamente uma banca examinadora que irá realmente ler e contribuir com a nossa pesquisa pode ser mais importante do que tentar impressionar determinados professores que admiramos.

No meu caso, a defesa foi um momento de aprendizado e celebração do ciclo que se encerrava. Um desfecho, no entanto, parcial, pois ainda são necessárias algumas revisões antes do depósito final da tese. Produzir e submeter artigos como desdobramentos da pesquisa também constitui etapa importante da divulgação acadêmica; esforço do qual o presente artigo é exemplo, na expectativa de mobilizar a produção de outros pesquisadores sociais.

Conclusão

Por fim, afirmo que os processos intelectuais e afetivos pelos quais passei durante a pesquisa correspondem a um aprendizado que transformou minha vida. Isso se deve, principalmente, aos estudos, às orientações e à prática criativa da escrita. No entanto, essa mudança se deve, sobretudo, às interações com as mulheres trabalhadoras, com as quais percebi que a força de resistir se mantém mesmo diante de condições tão adversas. O que começou como uma simples curiosidade, depois de diversas aproximações e redefinições de objeto se transformou em admiração. Fui eu quem mais aprendeu ao longo dos variados diálogos e reflexões. Aprendi a ser um estudante mais comprometido, um investigador mais corajoso, um colega mais cooperativo, um familiar mais atencioso e uma pessoa mais humilde.

Referências

- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(2), 222-245. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/QtcRbxZmsy7mDrqtSjKTYHp/abstract/?lang=pt>
- Ávila, M. B. M. (2009). *O tempo do trabalho das empregadas domésticas: tensões entre dominação/exploração e resistência* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco]. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPE_7c24cbc41b59b74bb0a3ffffcf08314e
- Barbara, R. R. A. (2007). *O caminho da autonomia na conquista da dignidade: Sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana-Bahia (1929-1964)* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia]. Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa – UFBA. https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1_o_caminho_da_autonomia_na_conquista_da_dignidade_sociabilidade_e_conflitos_entre_lavadeiras_em_feira_de_santana_-_bahia_1929-1964.pdf
- Barbosa, J. P. M., Lima, R. C. D., Santos, G. B. M., Lanna, S. D., & Andrade, M. A. C. (2021). Interseccionalidade e violência contra as mulheres em tempos de pandemia de covid-19: Diálogos e possibilidades. *Saúde e Sociedade*, 30(2). <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200367>
- Becker, H. S. (1999). *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. Hucitec.
- Bernadino-Costa, J. (2007). *Sindicatos das trabalhadoras domésticas no Brasil: Teorias da descolonização e saberes subalternos* [Tese de Doutorado, Universidade de Brasília/UnB]. Repositório Institucional UnB. <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/2711>

- Brites, J. G. (2000). *Afeto, desigualdade e rebeldia: Bastidores do serviço doméstico* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Institucional UNISC. <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/711>
- Brites-Picanço, J. (2014). O emprego doméstico no Brasil em números, tensões e contradições: alguns achados de pesquisas. *Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho*, 19(31), 131-158.
- Certeau, M. (2014). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Editora Vozes.
- Coutinho, M. C., D'Avila, G. T., Maders, T. R., & Morais, M. (2018). Trabalhadoras domésticas: Trajetórias, vivências e vida cotidiana. *Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho*, 21(1), 87-101. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v21i1p87-101>
- Evaristo, C. (2014). *Olhos d'água*. Pallas.
- Federici, S. (2018). *O ponto zero da revolução: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Elefante.
- Gonzalez, L., & Hasenbalg, C. (1982). *Lugar de Negro*. Marco zero.
- Graham, S. L. (1992). *Proteção e obediência: Criadas e seus patrões no Rio de Janeiro – 1860-1910*. Companhia das Letras.
- Kroef, R. F. S., Gavillon, P. Q., & Ramm, L. V. (2020). Diário de campo e a relação do(a) pesquisador(a) com o campo-tema na pesquisa-intervenção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(2), 464-480. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.52579>
- Lima, H. E. (2010). Trabalho e lei para os libertos na Ilha de Santa Catarina no século XIX: Arranjos e contratos entre a autonomia e a domesticidade. *Cadernos AEL*, 14(26).
- Lima, L. A. (2022). *Dramas do trabalho e da sobrevivência de domésticas-diaristas: Servir, reagir e devir* [Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-31012023-125224/publico/Leonardo_Lima_tese.pdf
- Mello, S. L. (1988). *Trabalho e sobrevivência: Mulheres do campo e da periferia de São Paulo*. Ática.
- Martín-Baró, I. (2017). *Crítica e libertação na Psicologia: Estudos psicossociais*. Vozes.
- Nunes, C. G. F. (1993). *Cidadania e cultura: O universo das empregadas domésticas em Brasília (1970-1990)* [Tese de Doutorado, Universidade de Brasília].
- Politzer, G. (1998). *Crítica dos fundamentos da psicologia: A psicologia e a psicanálise*. UNIMEP.
- Ribeiro, C. R. B. (2014). *Usos de si e (in)formalidade no trabalho da empregada doméstica diarista* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional UFMG. https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9UHFF6/1/3_tese_claudia_ribeiro_final_protegido__29.06.pdf
- Rizek, C. S. (2007). Viração e trabalho: algumas reflexões sobre dados de pesquisa. *Estudos de Sociologia*, 11(21).
- Sato, L., Bernardo, M. H., & Oliveira, F. (2008). Psicologia social do trabalho e cotidiano: A vivência de trabalhadores em diferentes contextos micropolíticos. *Psicología para América Latina*, (15).
- Sato, L., Coutinho, M. C., & Bernardo, M. H. (Orgs.) (2017). *Psicologia social do trabalho*. Vozes.
- Sawaia, B. B. (2006). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In B. B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial da ética da desigualdade social*. Vozes.
- Silva, M. H. (2016). *Nem mãe preta, nem negra fulô: Histórias de trabalhadoras domésticas em Recife e Salvador (1870-1910)*. Paco Editorial.
- Vigotski, L. S. (1995). *Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Visor. Obras escogidas III.
- Vigotski, L. S. (2000). Manuscrito de 1929. *Educación & Sociedad*, 21(71).
- Weber, F. (2009). *Trabalho fora do trabalho: Uma etnografia das percepções*. Garamond.

Endereço para correspondência

Leonardo Araújo Lima
mov.criativo@gmail.com

Recebido em: 08/04/2023
Revisado em: 22/04/2024
Aprovado em: 26/09/2024

